

QUESTÕES INSISTENTES, DEMANDAS TEMÁTICAS E PISTAS REFLEXIVAS

Irene Tourinho - UFG

Resumo

O texto expõe questões que tem frequentado minha prática e reflexão docente nos últimos anos. Questões insistentes são aquelas que perturbam, inquietam e instigam ideias e ações. Elas movimentam o pensar/fazer em sala de aula desafiando-nos – alunos e eu – a encontros e desencontros com a educação da arte (não apenas) visual. Em seguida, o texto concentra atenção em quatro demandas temáticas (globalização/localização; vida cotidiana/vida extra-ordinária; meio ambiente/tempo e espaço; consumo/desperdício) que servem para implementar propostas pedagógicas que buscam conhecer e experimentar subjetividades e cotidianos diversos, reunidos através de interesses estéticos. Ao final, apresento algumas pistas reflexivas que foram se construindo na procura por um trabalho docente que privilegiasse a interação, o diálogo e a experiência.

Palavras-chave: prática docente, arte-educação, interação, experiência.

Abstract

This text presents questions which have been present in my teaching practice in the last years. Insistent questions are those that disturb, agitate and instigate ideas and actions. They put on move thinking/doing in the classroom, challenging – students and I – to encounters and disagreements with art (not only) visual education. Following, the text concentrates attention on four thematic demands (globalization/localization; daily life/extra-ordinary life; environment/time and space; consumption/waste) that functions to implement pedagogical propositions which aims to understand and experience different subjectivities and daily life brought together through esthetics interests. Finally, I present some reflexive ways which were constructed while searching for a teaching practice that emphasized interaction, dialogue and experience.

Key-words: *teaching practice, art education, interaction, experience.*

Introduzindo...

A experiência docente, principalmente quando localizada no espaço de uma sala de aula, faz da palavra, mais propriamente da fala, um meio deflagrador e desencadeador de encantos, decepções, interesses, frustrações e buscas. Lembramos que ao falar temos a liberdade de procurar, até em voz alta, palavras mais adequadas ou atraentes; podemos recheiar os pensamentos com parêntesis imaginários que esclarecem ou exemplificam nossas ideias, além de podermos re-dizer coisas e contar - às vezes - com a contribuição gestual, sonora, corporal e

visual. Mais que isso, os olhares que nos olham e as expressões que percebemos, ajudam a reforçar alguns pontos estimulando determinadas ênfases e dando vida àquilo que falamos.

Porém, escrever sobre idéias que compartilhamos em sala de aula pode significar uma provocação. Assim, minha intenção neste texto é tocar em algumas teclas, insinuar algumas temáticas e explicitar preocupações que tenho debatido com meus alunos na caminhada docente desses últimos anos. Certamente ficarão de fora várias reflexões que ampliaram, aprofundaram e geraram questionamentos fundamentais para meu aprendizado, trazidas pelos alunos que, muitas vezes, permanecem contribuindo com a discussão depois de esgotado o tempo de aula.

Começo com uma rápida revisão sobre algumas questões insistentes da atualidade. Questões insistentes da atualidade nos perturbam, inquietam e instigam. Dizer não ao presente é loucura e futilidade porque o agora não é um inimigo ou uma limitação. É, antes de tudo, um desafio. Atravessado esse primeiro trecho da trilha, concentro-me em algumas temáticas que representam demandas para pensar a educação e, ao mesmo tempo, apontam para universos de experimentações a partir dos quais diversas propostas artísticas tem derivado. Ao final, levanto algumas ideias que percebo como pistas de reflexão que podem orientar fazeres docentes em artes. Optei por não fazer referências a autores, a não ser quando os cito diretamente. Guardo, assim, um gosto de fala que não se interrompe para dizer quem inspirou a ideia. Porém, está claro, tudo que sei e que escrevo aprendi com alguém, seja direta, ou indiretamente através de suas produções.

Questões insistentes

Escolhi um recorte de um trabalho de Brower Hatcher (imagem abaixo), um estadunidense formado em design industrial, como imagem alusiva de questões insistentes que caracterizam a atualidade. Três motivos me incitaram para a escolha desta imagem, sem contar os gracejos que caberiam em relação ao título do trabalho – Profecia dos Antigos – e o uso que faço dela para pensar questões insistentes da atualidade.



Profecia dos Antigos, 1988, Brower Hatcher – Walker Art Center – Minneapolis Sculpture Garden

Primeiramente, a imagem evoca um imaginário preenchido com inúmeras possibilidades de conexão, de entrecruzamentos, de interterritorialidades que constroem e afagam diferentes campos de saber e de práticas. É um visual rizomático e, nesse sentido, nos fala da atualidade. Através dessas evocações, somos chamados a pensar o presente a partir de ênfases que recaem sobre a multisensorialidade dos processos que experimentamos, sobre a transdisciplinaridade – ou anti-disciplinaridade – que tem impulsionado projetos e demandas artísticas e culturais e, além disso, aberto múltiplos espaços e formas de ver o mundo, compreende-lo e transforma-lo.

Em segundo lugar, a imagem serve para aludir à ideia de agilidade, de pontos de encontro fugazes, efêmeros, transitórios, multidirecionais. A atualidade é sentida, com ferocidade, a partir de seus ritmos acelerados que nos impõem envolvimento em projetos somente a curto prazo. Estamos quase que impedidos de projetar a longo prazo. Antes de terminar um projeto já estamos envolvidos em outro e cada um parece viver apenas um tempo mínimo, nascendo com data de validade quase vencida.

É intensa a sensação de vivermos a ditadura da velocidade, como muitos já apontaram. Arrastados de um projeto a outro, de uma demanda a outra, 'varejizamos' nossa vida intelectual, emocional e profissional. Não temos tempo para acompanhar o ritmo das informações e inovações e, ainda menos, para avaliá-las. Este ritmo incessante de vida tem sido um lamento constante em diversas

profissões, resultando em stress, falta de motivação, depressão... A quantidade de informação disponível gera o que já foi denominado de 'ansiedade da informação', uma 'doença' que nos acomete por parecer que não há chances de virar o jogo. A oferta de informações suplanta, em muito, a capacidade de apreensão. Este caráter efêmero das experiências nos faz viver o instante, mesmo quando tentamos retê-lo.

O terceiro motivo para escolher essa imagem como meio para vislumbrar questões insistentes da atualidade diz respeito ao fato de que ela nos permite pensar – juntando a ampliação de possibilidades de agenciamentos e interpretações que a atualidade oferece e estimula, e o caráter transitório que qualifica nossas experiências contemporâneas – na idéia de incertezas, de paradoxos, de contradições que nos assolam cotidianamente. Tais incertezas e contradições se apresentam junto com o surgimento de novas formas de controle e de dominação: atualmente estamos sendo vistos e acompanhados, vigiados, regulados e controlados a todo momento.

Essa idéia de incerteza guarda afinidades com o texto do filósofo espanhol José Maria Marina (2004), em *Crônicas da Ultramodernidade*, que sintetiza de maneira extraordinária os paradoxos que caracterizam a atualidade. Não há necessidade de explicá-los, pois nossa experiência fornece exemplos suficientes para compreendê-los e senti-los 'na pele': (1) "O mundo se globaliza e se nacionaliza simultaneamente"; (2) "Aumenta a produção de bens, mas diminui o trabalho"; (3) "Vivemos em uma sociedade tecnológica, mas desconfiamos da tecnologia"; (4) "Confiamos parte de nossa liberdade aos políticos, mas desconfiamos deles"; (5) "Não sabemos se estamos progredindo ou retrocedendo", e (6) "Cremos que o conhecimento é importante, mas são os sentimentos que nos fazem felizes ou desgraçados". (p. 24-27).

Este panorama das muitas questões que nos marcam não esgotam, certamente, os impasses, embates e disputas que enfrentamos cotidianamente. Porém, quero destacar uma, já analisada como uma nova forma de escravidão que hoje nos atinge e confronta. A imagem de Hatcher tem menos impacto aqui, apesar de que as tramas que ela constrói podem também aludir a limites e, principalmente, a espaços

que nos demarcam. Refiro-me à sensação, esta forte impressão de que ‘ter vale mais do que ser’ e, mais grave do que isso, a sensação de que ‘aparecer, vale ainda mais do que ter’. Assim, não apenas nossas intimidades são invadidas, mas muitos se esforçam para que haja esta invasão: paga-se para aparecer, para revelar as intimidades e para estar exposto, de preferência, em todas as circunstâncias.

Um exemplo que li recentemente, ilustra bem a situação atual: Quando nos damos conta de que conhecemos melhor a imagem de alguém que nunca vimos, como a de Gisele Bündchen, por exemplo, do que a do nosso próprio vizinho, algo mudou profundamente na nossa relação com o mundo, na nossa vida diária. Algo profundamente complexo alterou nossa existência.

Sem querer reforçar a onda quantificadora reinante nas diversas esferas da vida institucional, social e cultural – onde os números muitas vezes falam mais alto resultando no apagamento de questões qualitativas - aponto algumas estatísticas atuais que se entrelaçam com paradoxos e complexidades com os quais convivemos.

Uma pesquisa feita pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, denominada “*Motivos da Evasão Escolar*” (<http://www.folha.uol.com.br/>), destacou que 40% dos jovens não estão interessados na escola que temos. Não estão interessados porque se sentem fora dela, se percebem desconsiderados ali. Ambiente? Conteúdos? Métodos? Recursos? Propostas? Não há resposta fácil e estas esferas não podem ser separadas. Tendemos a pensar que as novas tecnologias solucionarão os problemas. Porém, apesar de sabermos que a internet facilita, e muito, o intercâmbio de conhecimentos e a circulação de ideias, ela não possui traços menos ambivalentes que qualquer outra inovação tecnológica. Não nos cabe, nesse sentido, subestimá-la nem supervalorizá-la.

Outros dados também contribuem para refletirmos sobre questões insistentes que nos atordoam ao mesmo tempo que incitam nossas possibilidades de agir para romper, para transformar o mundo em que vivemos. Carlos Fuentes (2010) nos apresenta macro-estatísticas mostrando que se, por um lado, onze bilhões de dólares financiam as necessidades fundamentais do ‘terceiro mundo’ na área da educação, este montante é o que os EUA gastam por ano em produtos de beleza.

Mais ainda: se treze bilhões de dólares satisfazem as necessidades fundamentais do ‘terceiro mundo’ na área da saúde, é isso o que a Europa gasta por ano com seus sorvetes. Agravando este contexto, abala-nos a informação de que atualmente, 850 milhões de seres humanos passam fome.

São dados que mostram diversas formas de precariedade cultural, de aberração social, sintomas de uma globalização discriminatória e de uma emergência disparatada do capitalismo cultural eletrônico. Entretanto, sem dúvidas, há também esperanças neste cenário: reconhecemos que ganhos e benefícios tem sido gerados para nossa vida, para prolonga-la com mais qualidade. A facilidade na circulação do pensamento, como disse anteriormente, favorece possibilidades de comunicação e interação – não para todos, sabemos - sem empecilhos de espaço e tempo e, fundamentalmente, a chance de fraturar a solidez das nossas convicções. Em razão destas condições, vivemos uma era que não admite exclusões e, sim, reconfigurações e redirecionamentos de práticas, de ideias e de perspectivas.

Para enfrentar estas questões insistentes não como ameaças, mas como possíveis recursos para a nossa atuação docente, uma postura que me agrada muito é a do cientista Stephen Jay Gould. Ele disse, em algum lugar que não registrei: “não sou um pessimista, sou mais um otimista trágico”. Assim, talvez possamos nos concentrar em pensar sobre temas - não sobre conteúdos, criando alternativas para deslocar o conhecimento e investir na centralidade da cultura como eixo organizador das nossas experiências. Pensar sobre as temáticas que caracterizam a atualidade é respeitar a fragmentação que configura nossa existência e que não é disciplinar, mas justamente temática, como nos ensinou Boaventura de Souza Santos.

Demandas temáticas

Colocar-nos diante de temáticas que desenham nosso viver contemporâneo nos ajuda a criar propostas para lidar com questões fundamentais, enfrentando-as e problematizando-as. A produção, circulação e socialização de saberes e práticas culturais depende dessa possibilidade de tematização e problematização, tarefas que são responsabilidades do ensino, da formação, das formas interativas de experimentarmos a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Apono, de maneira breve, quatro dessas temáticas, sem a ambição de me aprofundar em cada uma, mas com o intuito de enriquecer este panorama sobre a atualidade em que nos inserimos. Especialmente, vejo estas temáticas como acionadoras potentes de novos modos de produção artística na educação, eixos que podem privilegiar a imaginação e a criação de uma multiplicidade de projetos e reflexões. Utilizo a barra (/) na indicação de cada temática com o propósito de evidenciar complementaridades, diálogos e afinidades sobre as quais nos cabe refletir, e não com a intenção de apontar binarismos ou antagonismos.

(1) globalização/localização: Entendemos que essa relação é, acima de tudo, um fenômeno de comunicação, que significa não apenas o domínio da economia de mercado – ou seja, não pode significar apenas globalização do mercado -, mas nos leva a pensar sobre “como reagimos a uma sociedade em formação, genuinamente nova e cosmopolita” (GIDDENS, 2008, p. 16). A localização nos remete à ideia de pertencimento, não para celebrar um local, uma cultura, mas para evidenciar a ausência de fronteiras entre questões globais e existenciais. É nesse sentido que entendo uma reflexão que li, não sei onde, que diz que “é o fato de um indivíduo pertencer a muitos grupos que o faz livre”. Nossa época interconecta, então, de maneira intensa e veloz, questões globais e disposições pessoais, como também assinalou Giddens (2008).

Achei significativo um email que andou circulando com uma definição de globalização bastante concreta, atual, e engraçada até. Diz o seguinte:

Pergunta: Qual é a mais correta definição de Globalização?

Resposta: A Morte da Princesa Diana..

Pergunta: Por quê?

*Resposta: Uma princesa inglesa com um namorado egípcio, tem um acidente de carro dentro de um túnel francês, num carro alemão com motor holandês, conduzido por um belga, bêbado de whisky escocês, que era seguido por paparazzis italianos, em motos japonesas. A princesa foi tratada por um médico canadense, que usou medicamentos americanos. E isto é enviado a você por um brasileiro, usando tecnologia americana (Bill Gates) e provavelmente, você está lendo isso em um computador genérico que usa chips feitos em Taiwan e um monitor coreano montado por trabalhadores de Bangladesh, numa fábrica de Singapura, transportado em caminhões conduzidos por indianos, roubados por indonésios, descarregados por pescadores sicilianos, reempacotados por mexicanos e, finalmente, vendido a você por chineses, através de uma conexão paraquaiá. Isto é *GLOBALIZAÇÃO!!!**

O relato demonstra bem o que Lipovetsky e Serroy (2011) denominam como “cultura-mundo”, uma reconfiguração que evidencia

Não mais as oposições alta cultura/baixa cultura, cultura antropológica/cultura estética, cultura material/cultura ideológica, mas uma constelação planetária em que se cruzam cultura tecnocientífica, cultura de mercado, cultura do indivíduo, cultura midiática, cultura das redes, cultura ecologista: uns tantos polos que constituem as “estruturas elementares da cultura-mundo” (p.15)

(2) vida cotidiana/vida extra-ordinária: Aqui encontramos questões relacionadas à vida do dia-a-dia, às mudanças que estão ocorrendo na vida íntima das pessoas, no ritmo acelerado de trabalho, na pulverização e justaposição de conhecimentos. Lembramos, ainda, da varejização de nossos fazeres, saberes e amores, das múltiplas identidades e papéis que vão nos constituindo, das obsessões que configuram “uma cultura tendencialmente narcísica” (LIPOVESTSKY e SERROY, 2001, p. 48). Ao lado disso, vivemos o sonho e a sedução das grandes estrelas e riquezas, das festas, das celebrações, dos divertimentos, dos espetáculos. Continuamos valorizando os rituais que nos congregam, as quebras de rotinas, as redes sociais abarrotadas de amigos e, também, dos fundamentalismos religiosos, do crescimento e segmentação de crenças... O entretenimento ocupa, assim, um espaço considerável nesta temática. O prazer, aliado à alegria, ao estabelecimento de redes sociais está, cada vez mais, sendo analisado como objeto que produz e discrimina identidades, grupos, sociedades.

(3) meio ambiente/tempo e espaço: A questão do aquecimento global, já denominada de enlouquecimento global, cria a necessidade de iniciativas ligadas à urbanização, à arte pública, a projetos coletivos. As transformações nas noções de espaço e tempo que, de maneira drástica, expandiram e reduziram as vivências cotidianas, também instalaram a itinerância como necessidade e valor. Viajar, deslocar-se, fazer turismo passa a representar capital cultural ambicionado por muitos.

Ainda assim, o trânsito de pessoas nas suas próprias cidades se vê restrito a diferentes ritmos que caracterizam o dia-a-dia de cada segmento socioeconômico da população, limitando, para muitos, o acesso e a possibilidade de viver a cidade. As relações tempo-espaço não são as mesmas para qualquer indivíduo e um impacto disso é a necessidade de compreender como a construção social das noções e

vivências dessas relações institui mundos e reinventam, constantemente, novas formas de comunicação e novos ambientes sociais. São muitas as questões que nos rodeiam em relação a essa temática e que não cabem nessa fala/texto, desde a dissolução/renovação do meio ambiente privado, familiar, até as transformações geopolíticas e geoeconômicas que criam cicatrizes e, também, ferramentas para nossas vivências.

(4) Consumo/desperdício: Este último tema que trago para compor este quadro da atualidade e, ao mesmo tempo, de possibilidades produtivas para o ensino de arte é, assim como os outros, bastante complexo. Porém, trazê-lo aqui significa considerar uma esfera poderosa de ação e de instituição de identidades que tem não apenas marcado, mas regulado e desorientado os sujeitos. O tema me faz lembrar a síntese proposta pelo trabalho da artista Barbara Kruger que, ironicamente disparava: “Compro, logo existo”.

Lipovetsky e Serroy (2011) analisam com profundidade as consequências do que vem sendo chamado de hiperconsumo e declaram que

O enfraquecimento dos controles coletivos, as estimulações hedonistas, a superescolha de consumo, tudo isso contribui para criar um indivíduo frequentemente pouco armado para resistir tanto às solicitações de fora quanto aos impulsos internos. A cultura de livre disposição dos indivíduos no supermercado contemporâneo dos hábitos de vida é também a que vê crescer a tendência ao autodesregulamento. Na sociedade do hiperconsumo, afirmam-se ao mesmo tempo, o princípio do pleno poder sobre a condução de si próprio e as manifestações de dependência e de impotência subjetivas. (p. 59)

A relação entre consumo e privação, e entre consumo e desperdício, também coloca importantes questões para nossa reflexão. Seus efeitos podem ser sentidos através da desigualdade decorrente da má distribuição de renda que faz o Brasil figurar na terceira pior posição entre os países do mundo, ao lado do Equador e abaixo de Uganda, conforme noticiaram amplamente os jornais, com base em estudo da ONU de julho de 2010.

Também é importante pensar não apenas no consumo voluntário, fruto de escolhas, mas, ainda, no consumo imposto: a cada dia, consumimos quase 18.000 imagens somente percorrendo nossos trajetos cotidianos, rotineiros, que perfazem nossas obrigações e compromissos diários. Mas, como nos diz Bourriaud (2009), “ao contrário do que se costuma pensar, não estamos saturados de imagens; estamos

submetidos à escassez de certas imagens, que têm de ser produzidas contra a censura”. (p. 59) Precisamos pensar, então, nas práticas de consumo acelerado, estimuladas em todas as faixas etárias, e nos impactos desse consumo que coisifica a felicidade e a alegria, fincados em estereótipos que ‘materializam’ o prazer, o poder, a satisfação.

Destaquei estas poucas, mas abrangentes temáticas, não para sugerir que elas sejam as únicas ou as mais significativas para exprimir as tensões e transformações da atualidade. Porém, estes são, certamente, temas que podem gerar e produzir experiências artísticas que aguçam nossa sensibilidade e nos estimulam para propor formas de estar no mundo, de negociar alternativas de envolvimento pessoal em nossas comunidades de pertencimento e de criar práticas que questionem e perturbem versões injustas e hegemônicas da realidade através da educação, do ensino, e da arte.

Pistas reflexivas e fazer docente em artes

Tenho usado a imagem abaixo para enfatizar o quanto conhecemos sobre este espaço. De tão conhecido, ele às vezes nos satura. Descreveríamos de maneiras semelhantes estes espaços e teríamos lembranças similares sobre o que ocorre nesses lugares.



Em muitos lugares do mundo podemos encontrar escolas com esta mesma aparência. Talvez isso possa nos dizer que nossas necessidades, desejos e sonhos

são diferentes, mas também guardam proximidades com aqueles de professores que vivem em outros países. O descaso em relação a prédios escolares também é visível em vários lugares. Pensando sobre o que nos une e agrega nesta profissão e mantendo esta imagem na cabeça, aponto uma primeira ideia que oferece pistas para orientar nosso fazer docente em artes.

Refiro-me à desconstrução da noção de escola como espaço privilegiado de aprendizagem. Os espaços de aprendizagem se expandiram, perderam limites, derrubaram fronteiras. As escolas, hoje, precisam fazer parcerias, encontrar interlocutores e ampliar suas formas de atuação.

É a partir da década de 60 que a escola começa a ser posta em causa como instituição intocável, sublinhando-se a importância do aprender para além da escola e de pensar a educação numa perspectiva social e cultural. Entretanto, apesar de parecer consenso que as paredes das salas de aula e os muros das escolas precisam cair, na prática, muitas escolas estão re-estruturando seus horários – diminuindo o tempo de recreio, por exemplo – para manter o aluno mais tempo (seguro?!?) na sala. Discutir questões relativas às condições sociais e culturais que envolvem professores e alunos neste esforço para fortalecer pontes entre experiências internas e externas às escolas pode contribuir para maior efetividade de políticas de compromisso social e parcerias, caso as instituições queiram se ajudar para enfrentar os desafios e paradoxos contemporâneos.

A ideia de cultura, ou melhor, de culturas, no plural, passa, então, a ser central e deflagradora de nossas ações de ensinar e, certamente, de aprender, pois nesse binômio inseparável, aprender-ensinar, é a aprendizagem que encabeça a ação, é ela que institui, reconstrói e transforma o ensino. Juntamente com a primeira pista de reflexão – a desconstrução da noção de escola como espaço privilegiado de aprender – a cultura afirma-se como alavanca para nos incitar a refletir sobre o ensino de arte.

Já sabemos que a escola é, hoje, lugar de aprender, mais que ensinar. Porém, é importante, em relação à cultura, como um princípio determinante, compreender que “Não se pode estabelecer uma hierarquia entre as culturas humanas, pois todas as

culturas são epistemológica e antropologicamente equivalentes” (SILVA, 2002, p. 86).

Dessa idéia resulta nosso entendimento de que “Não é possível estabelecer nenhum critério transcendente pelo qual uma determinada cultura possa ser julgada superior a outra” (SILVA, 2002, p. 86). A des-hierarquização de fazeres e saberes, a des-fronteirização e a des-territorialização de práticas e reflexões são características da contemporaneidade que a centralidade da cultura enfatiza, chamando-nos para deslocamentos perceptivos e conceituais sobre a natureza do ensino, as funções da escolarização e as possibilidades de abordagem do mundo e da cultura estética que nos rodeia.

Sob a perspectiva da cultura aprendemos que saberes e fazeres são circulantes e circulam, sem se fixar em lugar algum. As ideias de que não aprendemos apenas na escola, de que as práticas culturais e sociais ensinam e nos formam e de que não há critérios possíveis para hierarquizar culturas, saberes ou práticas, colocam em pauta outra dimensão que fundamenta e pode orientar nosso fazer docente em artes na atualidade. Refiro-me às questões das identidades.

Assim como o conceito de cultura, o conceito de identidade é múltiplo, complexo, mutante. Ambos se referem a construções sociais. Falar de construção de identidades é reconhecer, primeiro, que as identidades não são únicas, são instáveis, vulneráveis e lábeis, sujeitas a escorregões. Identidades vivem mancomunadas com subjetividades, num contexto cultural, rabiscando experiências culturais e sociais que podem, ou não, tornarem-se afetivamente significativas.

Subjetividades, identidades, alteridades, contextos, culturas, afetos, significados: essa mistura de interagentes resulta numa porção de vida que conhecemos, porém, cada elo entre esses conceitos deve ser continuamente reconstruído, pesquisado, experimentado. É através dos elos e continuidades que conseguimos dar a estas noções - subjetividades, identidades, alteridades, contextos, culturas, afetos, significados – força para impulsionar propostas de instituir e reconstruir saberes e fazeres estéticos e artísticos na escola.

Vale ressaltar, mesmo repetindo, que a identidade é relacional, marcada pela diferença e construída tanto simbólica quanto social e culturalmente. Sintetizando essa ideia podemos falar, com Woodward (2000), que “a identidade não é oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (p. 40). É ainda essa autora que enfatiza: “toda identidade [...] depende, para existir, de algo fora dela” (p. 9).

Os espaços descuidados, sujos e quebrados que encontramos em muitas escolas nos oferecem, através de vazamentos e rachaduras tão comuns, metáforas de circunstâncias que nos instituem cultural e socialmente. É uma maneira de pensar sobre esse algo que vaza, que racha, para além de nós, para além do que pensamos que somos – esse algo que nos marca pela ausência e pelas formas híbridas de se fazer presente.

Com essa imagem de rachaduras e vazamentos também trago a ideia de diferença, conceito tão importante para pensar as culturas, as identidades, as formas de interpretar o mundo e de ensinar. Ao marcarmos nossas identidades como professores de arte, que outras diferenças podemos obscurecer? Como me diferencio enquanto professora de arte?

Penso que, para relacionar arte, ensino e atualidade, talvez precisemos reavivar em nós as histórias que nos formaram e os desejos que nos animam para entender por que assumimos certas identidades e, especificamente, o que nos faz professores de arte e quê significados isso tem para nós hoje. Esse exercício de reconstruir, revisitar nossa formação identitária como profissionais professores de arte visa mudanças, negociações de identidades e transformação. Stuart Hall (2000) nos diz que “as identidades têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (p.109).

Assim, o quê ensinamos e a forma como abordamos objetos e manifestações culturais, em contextos específicos, tem impacto na maneira como produzimos e reagimos a significados e interpretações, na maneira como nos envolvemos com os processos de criação e de transformação das realidades pedagógicas e artísticas.

Definir a abordagem de determinados trabalhos, conceitos e temas na prática pedagógica solicita não apenas estar antenado para os entrecruzamentos culturais e processos de construção de identidade que eles podem desencadear. Solicita, também, enxergar estes objetos e manifestações, assim como os diferentes contextos onde eles se encontram, para além de sua materialidade, encontrando, através da experiência, conexões com realidades temáticas que nos formam e inquietam. Isso exige uma capacidade de agregar ao trabalho educativo experiências de vida que possibilitem um sentido de pertencimento, de reconhecimento individual e cultural, social e coletivo, simbólico e afetivo.

Referências Bibliográficas

BOURRIAUD, N. Pós-Produção – Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FUENTES, C. A Odisseia crioula ou o drama da América Latina e as mitologias do Futuro. In: Constantin von Barloewen (Organizador/Entrevistador). **Livro dos Saberes** – Diálogos com grandes intelectuais de nosso tempo. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010.

GIDDENS, A. Entrevista a William Waack. **Grandes Entrevistas do Milênio** – O olhar de grandes pensadores sobre o mundo atual e suas perspectivas. São Paulo: Globo, 2008.

HALL, S. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, T. T. (org) **Identidade e Diferença** – A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARINA, J. A. **Cronicas de la Ultramodernidad**. Barcelona: Anagrama, 2004.

LIPOVESTSKY, G. e SERROY, J. A cultura-Mundo – Resposta a uma sociedade desorientada. (Trad.: Maria Lucia Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade** – Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org) **Identidade e Diferença** – A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Irene Tourinho é Professora Titular da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, docente e coordenadora (2009/2013) do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado/Doutorado, mestre pela Universidade de Iowa, doutora pela Universidade de Wisconsin – Madison (EUA) e pós-doutora pela Universidade de Barcelona, Espanha. Foi professora visitante na Universidade Ambedkar, em Nova Delhi, Índia.